

Cidades

ANTONIO MOREIRA/AT



A DONA DE CASA
Díura Carlos, a costureira Oliete Pedruzzi e a aposentada Héliida Siqueira Nascimento organizaram vários eventos para arrecadar dinheiro e ajudar na construção da Igreja Católica Jesus Operário

A TRIBUNA COM VOGÊ EM ATAÍDE

Mulheres ajudam a construir igreja

Moradoras de Ataíde uniram forças para que a construção da igreja católica do bairro se tornasse uma realidade

Thainná Karina

A primeira igreja católica de Ataíde, em Vila Velha, construída pela comunidade, contou com a ajuda das mulheres do bairro.

A dona de casa Díura Borges Carlos, 76, a costureira Oliete Callegário Pedruzzi, 74, e a aposentada Héliida Maria Siqueira Nascimento, 60, representam o grupo de senhoras que lutaram pela construção do templo.

As fiéis não colocaram direta-

mente a mão na massa para erguer a paróquia, mas fizeram muitos eventos para arrecadar dinheiro para a obra.

Segundo Héliida, muitas festas foram organizadas na sua casa e em frente à igreja, que fica na rua onde mora, a Manoel Bandeira. A residência de seus pais chegou a virar um depósito de alimentos.

“Fazíamos feijoada, bingo, leilão, canjica, pães caseiros, bolos, entre outras variedades de comida, para vendermos. A gente ganhava até garrote para leiloar. Aos poucos, conseguimos juntar dinheiro para dar início à construção”, contou.

De acordo com Héliida, ao mesmo tempo em que as festas aconteciam com o intuito de juntar dinheiro para construir a igreja, a comunidade vivia momentos de confraternização.

“Era uma maneira também de todos se encontrarem para bater papo e ter momentos de lazer com

a família. As crianças também se divertiam muito”, lembrou.

Díura, que faz parte da pastoral do dízimo, disse que a comunidade completou 47 anos neste ano.

“Começamos com as obras em 1963 e, em no dia 1º de maio de 1967, a igreja foi inaugurada. Ela recebeu o nome de Igreja Católica Jesus Operário, em homenagem ao Dia dos Trabalhadores”, disse.

VOLUNTARIADO

Atualmente, a igreja tem espaço para receber até 600 fiéis. Entre os trabalhos realizados na paróquia, destacam-se o voluntariado, segundo Héliida, que faz parte da liderança da igreja.

“As pastorais da saúde doam remédios para pessoas que não têm condições de comprar e a familiar visita as famílias, entre outras pastorais. Fazemos doações de cesta básica e realizamos até casamento comunitário”, disse.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Propriedade rural

- > O LOCAL onde hoje fica o bairro Ataíde era uma fazenda que pertencia a Antônio Athayde.
- > AS TERRAS foram vendidas por ele a partir da década de 40. Após a venda, o terreno foi dividido em lotes.
- > NA ÉPOCA, o bairro foi batizado com o nome do antigo dono e o principal meio de transporte eram canoas.
- > AS PRIMEIRAS ruas foram abertas na década de 70, época em que surgiu o bonde, que fazia a linha Piratininga (Prainha de Vila Velha) a Paul.
- > A ESTRADA Velha, que hoje é a rua Emídio Ferreira Sacramento, foi aberta no governo de Florentino Avidos.
- > HOJE, a igreja católica é referência.

Fonte: Moradores de Ataíde.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Moradores de Ataíde, em Vila Velha, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens. As indicações devem ser enviadas para o e-mail atcomvoce@rede-tribuna.com.br. Quem mora em outro bairro pode sugerir uma visita do projeto **A Tribuna com Você** ao local.

AS RECORDAÇÕES

ACERVO PESSOAL



NOILZA: “Hoje, temos 4 escolas”

Bairro se destaca pelo número de escolas

A auxiliar administrativo Noilza da Penha Pagio, 45, disse que quando chegou a Ataíde, há 35 anos, o bairro não tinha nada. Não existiam escolas, praça, ruas asfaltadas, comércio e nem ônibus passava na região.

“O bairro não tinha nenhuma infraestrutura. Hoje, temos quatro escolas municipais, praça e até posto de gasolina. Mas ainda precisamos de mais investimento na comunidade”, comentou Noilza.

ANTONIO MOREIRA/AT



CALANDIRA: “Amo morar aqui”

Moradora acredita que região vai crescer mais

Moradora de Ataíde há 43 anos, a dona de casa Calandira Cordeiro Alves, 72, lembrou do tempo em que precisava pegar o bonde em Paul para chegar à Prainha, em Vila Velha.

“Não tinha calçamento, ônibus, comércio. Para comprar alguma coisa, tínhamos de ir a Vitória. Saí de Santa Júlia, distrito de Santa Teresa, para morar com meus filhos no bairro”, disse.

“Quando cheguei, era muito difícil, mas o bairro foi crescendo aos poucos. Acredito que vai crescer ainda mais. Não troco meu bairro por nenhum outro. Amo morar aqui”, completou.